

MAPEANDO ALTERIDADES: NOTAS SOBRE ESTUDANTES INDÍGENAS NAS LICENCIATURAS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Mari Enilda Albrecht¹

Suzana Cavalheiro de Jesus²

Resumo:

Neste trabalho apresentamos os dados iniciais do Projeto de Pesquisa Alcances da Interculturalidade: uma etnografia sobre formação de professores indígenas nas Licenciaturas em Educação do Campo. Esta investigação visa conhecer a trajetória de estudantes indígenas matriculados nas Licenciaturas em Educação do Campo (LEDoCs). A proposta consta do desenvolvimento de uma etnografia multi-situada (MARCUS, 1998) a ser desenvolvida nas universidades, nas aldeias de origem dos acadêmicos, encontros e seminários sobre Educação do Campo. A pesquisa nestes espaços permitirá compreender os sentidos do ensino superior e da proposta da educação do campo para acadêmicos, lideranças indígenas e comunidade como um todo. Como organização preliminar, realizamos um levantamento das LEDoCs que possuem estudantes indígenas matriculados, a fim de planejar, em um segundo momento, o desenvolvimento dos trabalhos de campo

Palavras-chave: Educação do campo, Estudantes indígenas, Etnografia

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

MAPEANDO ALTERIDADES: NOTAS SOBRE ESTUDANTES INDÍGENAS NAS LICENCIATURAS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

¹ Aluno de graduação. marialbrecht3243@gmail.com. Autor principal

² Docente. suzanajesus@unipampa.edu.br. Orientador



MAPEANDO ALTERIDADES: NOTAS SOBRE ESTUDANTES INDÍGENAS NAS LICENCIATURAS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

1. INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta os dados iniciais do Projeto de Pesquisa Alcances da Interculturalidade: uma etnografia sobre formação de professores indígenas nas Licenciaturas em Educação do Campo. Sistematizamos aqui um primeiro levantamento que irá nos conduzir ao planejamento de uma etnografia multi-situada (MARCUS, 1998) junto aos estudantes indígenas matriculados nestas licenciaturas. Inicialmente, cabe destacar que as Licenciaturas em Educação do Campo são caracterizadas como cursos superiores destinados aos povos e comunidades do campo: agricultores familiares, comunidades caiçaras, quilombolas, indígenas, entre outros. O Parecer nº 36, de 04 de dezembro de 2001, do Conselho Nacional de Educação, pontuou a diversidade do campo brasileiro ao definir que o campo incorpora “os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas” (BRASIL, 2001, p 01). Assim sendo, o espaço do campo acolhe uma multiplicidade de culturas, cujas especificidades são objeto de estudo, reflexão e prática, da educação do campo.

No caso da formação de professores indígenas, preocupação central desta pesquisa, há ainda a oferta de cursos de Licenciaturas Interculturais Indígenas, centrados na educação escolar dos povos ameríndios que habitam o território nacional. Enquanto as Licenciaturas em Educação do Campo direcionam-se para pensar o território, formas de cultivo e relação com o trabalho com a terra, as Licenciaturas Interculturais Indígenas centram-se em aspectos da cultura, nos diferentes regimes de conhecimentos vislumbrados na escola indígena e nos processos próprios de aprendizagem destes grupos. São frentes de atuação que se aproximam em diversos pontos, mas que se distanciam em alguns aspectos.

Na proposta de investigação aqui apresentada, essa trajetória percorrida pelos cursos específicos para a formação de professores indígenas será de suma importância para discutir o perfil desses profissionais e as demandas atuais que tais processos formativos impõem às LEdoCs. Deste modo, a proposta visa pensar a diversidade dos povos do campo e o debate teórico acerca de seus processos próprios de ensino e aprendizagem, atrelados às questões territoriais.

O projeto teve início no primeiro semestre de 2017, com vistas a mapear quais LEdoCs possuem estudantes indígenas. Estes dados serão a base do planejamento dos trabalhos de campo etnográficos e foram coletados mediante consulta, por e-mail, à quarenta Universidades que possuem cursos de Licenciatura em Educação do Campo, conforme registro de Universidades contempladas pelo Programa de Apoio à Formação Superior de Licenciatura em Educação do Campo – PROCAMPO.

2. METODOLOGIA

O interesse em pesquisar trajetórias de acadêmicos indígenas no âmbito das LEdoCs, surge inicialmente da ausência de discussões sobre essa temática no conjunto dos debates sobre a inclusão de indígenas no Ensino Superior. Ao mesmo tempo, é impulsionada por uma série de questões teóricas que diferenciam a formação pensada pelas LEdoCs, das formações das Licenciaturas Interculturais Indígenas. Mesmo com o caráter de especificidade dado aos saberes dos povos do

campo, a Educação do Campo ainda permanece, de alguma forma, distante das reflexões sobre educação escolar indígena, fato este que necessita ser mais intensamente debatido no espaço das LEdoCs.

Para Silva (2002) há muitas similaridades entre a luta por educação protagonizada por trabalhadores Sem Terra e pelos povos indígenas. Segundo a autora, a superação de modos de conhecer etnocêntricos, bem como a possibilidade de pensar processos de escolarização dos quais sejam protagonistas, com currículos próprios, articulados com a vida cotidiana e projetos de futuro, são elementos que aproximam esses sujeitos.

Por outro lado, há de se considerar que estamos diante de regimes de conhecimentos bastante distintos. Logo, identificar apenas o ponto comum de que camponeses e indígenas viveram processos de luta por educação atrelados à luta pela terra, não é suficiente para a composição de propostas curriculares plurais no âmbito das LEdoCs. Pesquisas dedicadas às teorias indígenas do conhecimento analisam formas complexas de explicar o mundo a partir de cada povo e conforme a relação que estabelecem com múltiplos territórios e suas transformações (OLIVEIRA, 2016), transitando através de fronteiras físicas e cosmológicas (JESUS, 2015), articulando conhecimentos indígenas e não indígenas (MELO, 2014). Do mesmo modo, evidenciam formas variadas de apropriação do conhecimento estrangeiro, demarcando zonas interditadas (TASSINARI, 2001) e utilizando de modos singulares os saberes que compõem o que denominamos de ciência.

A fim de aprofundar este debate no contexto das LEdoCs, esta pesquisa irá desdobrar-se em uma etnografia multi-situada, nos termos descritos por Marcus (1998). Neste formato de investigação, será privilegiada a compreensão da trajetória dos estudantes, suas vivências na comunidade, na universidade, encontros acadêmicos, seminários e outros espaços da vida cotidiana que adquiram relevância para o estudo. Diferentemente da pesquisa etnográfica tradicional, na qual costuma-se permanecer por um longo tempo no mesmo local (em uma aldeia indígena por exemplo), o caráter multi-situado nos permite compreender a dinâmica vivida por indivíduos ou grupos em trânsito, abrindo-se, neste caso, para além do espaço da aldeia ou mesmo da universidade.

Essa circularidade permitirá compreender dinâmicas educacionais, políticas e territoriais experienciadas pelos/as estudantes e suas comunidades. Com isso, espera-se melhor compreender os sentidos do ensino superior para estes acadêmicos, bem como os diálogos entre conhecimentos indígenas e não indígenas percebidos no cotidiano e pensados para os currículos das escolas indígenas.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

Em consulta às Universidades que propuseram a criação ou continuidade de LEdoCs por meio do Programa de Apoio à Formação Superior de Licenciatura em Educação do Campo – PROCAMPO, percebemos que há um número significativo de estudantes indígenas matriculados nesses cursos. Neste intervalo de tempo foram consultadas quarenta universidades, das quais treze responderam à pesquisa, sendo que oito afirmaram possuir estudantes indígenas. A Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), por exemplo, declarou possuir três alunos autodeclarados como indígenas, de um total de cento e noventa alunos matriculados na Educação do Campo. Na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Campus Laranjeiras do Sul consta um total de sessenta e um estudantes indígenas. Na Universidade Federal de Viçosa (UFV) há dois estudantes indígenas. A Universidade Federal Do Mato Grosso do Sul possui uma acadêmica indígena, a qual não reside em aldeia. Na Universidade Federal de Tocantins (UFT), o curso de Licenciatura em Educação

do Campo, no Campus de Arraías, possui uma aluna indígena que ingressou no segundo semestre de 2016. Já no campus Tocantinópolis, a Universidade Federal de Tocantins (UFT) possui quinze indígenas matriculados. A Universidade Federal do Piauí, no Campus Teresina, possui duas alunas do Curso de Educação do Campo que se reconhecem como descendentes de indígenas. Na Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Erechim atualmente existem cento e quarenta e dois alunos indígenas, matriculados nas seis turmas que estão em andamento, considerando que a primeira entrada aconteceu no segundo semestre de 2013. Uma das universidades consultadas informou não possuir dados oficiais sobre pertencimento étnico, mas pontuou que um de seus estudantes aciona, em diversos momentos, uma memória de descendência indígena em algum grau.

Neste primeiro contato com as universidades percebemos que existem alguns fatores que interferem na referência ao pertencimento indígena: existência de autodeclaração, a ideia de descendência, o fato de estar ou não na aldeia. Estas questões tendem a complexificar o terreno da etnografia, uma vez que no corpo institucional trabalha-se com uma pessoa dotada de um atributo étnico e não com trajetórias individuais e coletivas que compõem estes estudantes e suas relações com o ensino superior.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo evidenciamos que das quarenta universidades consultadas durante o primeiro semestre de 2017, treze responderam a consulta e oito declararam possuir estudantes indígenas matriculados em suas Licenciaturas em Educação do Campo, nas diversas regiões do país. A Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus de Erechim informou possuir cento e quarenta e dois estudantes deste segmento étnico compondo seu corpo discente, configurando-se na IES com o maior número de acadêmicos indígenas em uma LEdoC.

A partir destes dados estão sendo iniciados estudos sobre os Projetos Pedagógicos de Curso das instituições consultadas, com vistas a compreender as configurações de perfil do egresso e as articulações entre pesquisa, ensino e extensão. Espera-se assim compreender de forma mais ampla as dinâmicas dos cursos, de modo a qualificar o embasamento teórico necessário ao desenvolvimento dos trabalhos de campo. Posteriormente, com a realização da etnografia propriamente dita deseja-se conhecer as trajetórias dos/as acadêmicos/as indígenas, a relação que os cursos estabelecem com suas comunidades de origem e a inserção de questões interculturais nos currículos e atividades acadêmicas. A partir disso, quer-se elaborar materiais e planejar atividades que comportem a convergência social desta pesquisa, com vistas a possibilitar a difusão de conhecimentos entre universidade, acadêmicos e aldeias indígenas.

5. REFERÊNCIAS

JESUS, Suzana Cavalheiro de. **Pessoas na medida**: processos de circulação de saberes sobre o *nhande reko* Guarani na Região das Missões. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MARCUS, George E. (1998). Ethnography in/of the World System – The emergence of Multi-sited Ethnograph. **Ethnography Through Thick & Thin**. Princeton: Princeton University Press, 1998.

MELO, Clarissa Rocha de. 2014. **Da Universidade à Casa de Rezas Guarani e vice-versa**: reflexões sobre a presença indígena no Ensino Superior a partir da

experiência dos guarani na Licenciatura Intercultural Indígena Do Sul Da Mata Atlântica/UFSC. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

OLIVEIRA, Melissa Santana de. **Sobre casas, pessoas e conhecimentos**: uma etnografia entre os Tukano Hausirõ e Ñahuri Porã, do médio rio tiquié, noroeste amazônico. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil, 2016.

SILVA, Rosa Helena Dias da. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo: uma leitura comparativa a partir da temática da educação escolar indígena. In CALDART, Rólessi Salete; CERIOLLI, Paulo Ricardo; KOLLING, Edgar Jorge. **Educação do Campo**: Identidades e políticas públicas. Brasília: articulação nacional por uma educação do campo, 2002.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Escola Indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, A. L.; FERREIRA, M. K. L. (orgs). **Antropologia, História e Educação**: a questão indígena e a escola. 2. ed. São Paulo: Global, 2001. Exemplos: